

Pressupostos, Epistemologia e Lógica: “Grilo na Cuca”

Há uma relação indissolúvel entre comportamento e o que você crê. Quando sabemos no que cremos, as decisões tornam-se mais fáceis. No entanto, uma das questões difíceis de responder é: no que você crê? A resposta a esta questão revelará uma série de pressupostos – conceitos implícitos em sua fala –, muitos dos quais talvez jamais tenham ocorrido, pelo menos de forma teórica, ao entrevistado. É possível que sem percebermos o nosso pensamento revele uma série de inconsistências e, até mesmo, excludências. O fato é que nossos conceitos, explícitos ou não terminarão por se juntar a outros e, deste modo, sem consciência e mesmo consistência, vamos aos poucos formando uma maneira de ver o mundo¹ e, consequentemente, de avaliá-lo. “De fato, escreve Cheung, se pensarmos profundamente o suficiente, perceberemos que cada proposição simples que falamos ou cada ação que realizamos pressupõe uma série de princípios últimos inter-relacionados pelos quais percebemos e respondemos à realidade. Essa é nossa cosmovisão”.² Esta percepção determinará de forma intensa o nosso comportamento na sociedade em que vivemos, tendo implicações em todas as esferas de nossa existência. A epistemologia antecede à lógica e esta, por mais coerente que seja, se partir de uma premissa equivocada nos conduzirá a conclusões erradas e, portanto, a uma ética com fundamentos duvidosos e inconsistentes. “Uma cosmovisão contém as respostas de uma dada pessoa às questões principais da vida, quase todas com significativo conteúdo filosófico. É a infra-estrutura conceitual, padrões ou arranjos das crenças dessa pessoa”.³

Ainda que não pretendamos ser exaustivos, podemos, inspirando-nos em Nash (1936-2006),⁴ dizer que a nossa cosmovisão é constituída por um conjunto de crenças que estabelecem essencialmente a sua distinção de outras cosmovisões ainda que haja no cerne de cada cosmovisão diferenças importantes, porém, que não são excludentes. Vejamos algumas dessas crenças:

- a) **Deus:** Ainda que o nome de Deus nem sempre apareça em nossas discussões, a fé em Deus envolvendo, obviamente, o conceito que temos Dele é ponto capital em qualquer cosmovisão. Deus existe? Ele se confunde com a matéria? Há um só Deus? Ele age? É soberano? É um ser pessoal? As respostas que dermos a estas questões são cruciais para identificar a nossa cosmovisão.

¹ Cf. Ronald H. Nash, *Questões Últimas da Vida: uma introdução à Filosofia*, São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 8. Veja-se também: Franklin Ferreira & Alan Myatt, *Teologia Sistemática*, São Paulo: Vida Nova, 2007, especialmente, p. 8-10.

² Vincent Cheung, *Reflexões sobre as Questões Últimas da Vida*, São Paulo: Arte Editorial, 2008, p. 61.

³ Ronald H. Nash, *Questões Últimas da Vida: uma introdução à Filosofia*, p. 13.

⁴ Ronald H. Nash, *Questões Últimas da Vida: uma introdução à Filosofia*, p. 15ss.

- b) **Metafísica:** A Metafísica trata da existência e da natureza e a qualidade daquilo que é conhecido. A nossa cosmovisão determinará um tipo de compreensão de questões tais como: Todos os homens têm a mesma essência? Todo evento deve ter uma causa? Há realidade além daquilo que podemos ver? Existe um mundo espiritual? Há um propósito para o universo? Qual a relação entre Deus e o universo?
- c) **Epistemologia:** A Epistemologia é o estudo das questões relacionadas aos problemas filosóficos do conhecimento. O seu objetivo é conhecer, interpretar e descrever filosoficamente, os princípios essenciais que conduzem ao conhecimento científico ou, em outras palavras, "estudar a gênese e a estrutura dos conhecimentos científicos".⁵ A Epistemologia trata de questões tais como: Como conhecemos alguma coisa? É possível um conhecimento certo a respeito de alguma coisa? Os sentidos nos dão um conhecimento certo a respeito dos objetos sensíveis? Nossas percepções dos objetos sensíveis são idênticas a esses objetos? Qual a relação entre o intelecto e a matéria? Qual a relação entre a razão e a fé? Podemos conhecer algo sobre Deus? É o método científico o melhor método para o conhecimento?
- d) **Ética:** Lalande (1867-1963) interpretando determinada compreensão, define ética como o "Conjunto das regras de conduta admitidas numa época ou por um grupo social".⁶ A Ética filosófica analisa a vida virtuosa no seu valor último, e a propriedade de certas ações e estilos de vida. Ela se refere à conduta humana, às normas e princípios a que todo o homem deve ajustar seu comportamento nas relações com seus semelhantes e consigo mesmo. O filósofo moral não é apenas um cientista teórico envolvido em especulações abstratas, ele é alguém comprometido com a realidade, buscando soluções para os problemas práticos que nos cercam e que deram origem à pesquisa. A sua preocupação também, não se limita à ação certa, mas, também, ao princípio que a justifica. Perguntas comuns a esta disciplina: É justo falsificar a declaração de imposto de renda? O aborto é correto? E financiar instituições que em suas pesquisas contemplem a prática do aborto? É viável a pena de morte? A eutanásia? Há um padrão absoluto de moral ou ele é relativo à épocas, culturas e pessoas? A moralidade transcende ao lugar, época e cultura? Como distinguir o bem do mal?
- e) **Antropologia:** O conceito que temos a respeito do homem revela aspectos de nossa cosmovisão. O ser humano é apenas matéria? De que forma a morte determina o fim de nossa existência? Existe algum tipo de recompensa ou punição após a morte? A alma é imortal? O homem é um ser livre ou determinado por forças deterministas? Qual o propósito da vida?

⁵Hilton F. Japiassu, *Introdução ao Pensamento Epistemológico*, 3ª ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1979, p. 38. Vejam-se descrições complementares In: Thomas R. Giles, *Introdução à Filosofia*, São Paulo: EPU/EDUSP, 1979, p. 121; Franklin L. da Silva, Teoria do Conhecimento: In: Marilena Chauí, et. al. *Primeira Filosofia*, 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, © 1984, p. 175; Johannes Hessen, *Teoria do Conhecimento*, 7ª ed. Coimbra: Arménio Amado – Editor, 1976, p. 25.

⁶Moral: In: André Lalande, *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*, São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 705.

- f) **História:** “A Filosofia da história é a reflexão crítica acerca da ciência histórica e inclui tanto elementos analíticos quanto especulativos”.⁷ Ela parte do princípio de que o homem é uma síntese entre o passado e o presente, tendo as suas decisões atuais relação direta com as suas experiências pretéritas, daí algumas perguntas: O alvo da explicação histórica é predição, ou meramente entendimento? Visto que escrever a história envolve seleção de material pelo historiador, um documento histórico pode ser considerado objetivo? A História é linear⁸ ou cíclica?⁹ Existe alguma finalidade, ou um padrão que confira sentido à História?

Portanto, as nossas ênfases revelam não simplesmente os nossos pensamentos e valores como também, aspectos da realidade como os percebemos. A concatenação de nossas idéias e a estruturação de prioridades, dentro da fluidez histórica, assumem aspectos relativos. Deste modo, quando lemos um autor devemos entender também o seu tempo, a sua forma de pensar e os pontos que visava destruir, consolidar ou mesmo transformar. Toda obra é, de certa forma, dialogal, explícita ou implicitamente. Cada época nos diz algo de seus atores e, cada ator histórico nos fala direta ou indiretamente do cenário que o inspira, dentro do qual ele foi criado e, de certa forma, delimita a sua própria percepção da realidade.

Quando não percebemos estes aspectos, tendemos a ser extremamente rigorosos em nossos julgamentos ou facilmente somos conduzidos a cometer anacronismos injustificados. Isto se dá, especialmente, quando lemos autores de séculos anteriores ao nosso que, além da distância temporal, viveram em outro continente, com valores próprios, percepções delimitadas pela sua época, tendo que se deparar com desafios gigantescos alguns dos quais são quase que imperceptíveis em nossa época. Aí surge o nosso problema; é impossível ter todas as visões; a nossa, além de vários condicionantes, é feita a partir de nossa época, sob o feitiço de nossos valores e concepções, os quais por si só já produzem um pré-conhecimento. O anacronismo condenatório é fácil de ser praticado e extremamente difícil de ser percebido

⁷ N.L. Geisler & P.D. Feiberg, *Introdução à Filosofia*, São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 27.

⁸ “O importante princípio que devemos manter sempre vívido na mente é que a única maneira de entender a longa história da raça humana é dar-se conta de que ela é resultado da Queda. Essa é a única chave da história, de qualquer espécie de história, tanto da história secular como desta história mais puramente espiritual que temos na Bíblia. Não se pode entender a história da humanidade se não se leva em conta este grande princípio. A história é o registro do conflito entre Deus e Suas forças, de um lado, e o diabo e suas forças, de outro; e o grande princípio determinante é de imensa importância, não só para entender-se a história passada, como também para entender-se o que está acontecendo no mundo hoje. É, igualmente, a única chave para compreender-se o futuro. Ao mesmo tempo, é a única maneira pela qual podemos compreender as nossas experiências pessoais” (D.M. Lloyd-Jones, *O Combate Cristão*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1991, p. 72). “A história não saiu das mãos de Deus” (D. Martyn Lloyd-Jones, *As Insondáveis Riquezas de Cristo*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1992, p. 64).

⁹ “O conceito grego da história como um processo cíclico trancava os homens num moinho onde eles podiam lutar com todas as forças, mas nem deuses nem homens conseguiam avançar. O conceito cristão do julgamento indica que a história caminha rumo a um objetivo” (Leon Morris, *A Doutrina do Julgamento na Bíblia*: In: Russel P. Shedd & Alan Pieratt, eds. *Imortalidade*, São Paulo: Vida Nova, 1992, p. 62).

por quem o exerce. Portanto, a consciência destas questões deve produzir em nós um salutar sentido de limitação e, portanto, de maior prudência em nossos juízos, reconhecendo que a nossa época, dentro da qual estamos inseridos e mais cativos do que imaginamos, tem as suas paixões e feitiços – plenamente justificados, diga-se de passagem, pelos seus cidadãos bem socializados –, assim como a de nossos personagens analisados. O que torna a nossa visão melhor do que a deles? Talvez seja a própria história que constantemente nos fornece um leque mais amplo e ilustrativo de fracassos da humanidade...

Nash (1936-2006) parece-nos correto em sua observação: “A obtenção de maior consciência de nossa cosmovisão pessoal é uma das coisas mais importantes que podemos fazer, e compreender a cosmovisão de outros é algo essencial para o entendimento que os torna distintos”.¹⁰

A nossa chave epistemológica é a Escritura, portanto, a nossa cosmovisão partindo de uma perspectiva assim, nos conduzirá naturalmente de volta a Deus. A Educação Cristã fundamentando-se nas Escrituras oferece-nos um escopo do que Deus deseja de nós e, nos fala de qual o propósito de nossa existência em todas as suas esferas.¹¹

Os pressupostos se constituem na janela (quadro de referência) por meio da qual vejo a realidade; o difícil é identificar a nossa janela, ainda que sem ela nada enxerguemos.¹² Assim, falar sobre a nossa cosmovisão,¹³ além de ser difícil verbalizá-la, é paradoxalmente desnecessário. Parece que há um pacto involuntário de silêncio o qual aponta para um suposto conhecimento comum: todos sabemos a nossa cosmovisão. Deste modo, só falamos, se falamos e quando falamos de nossa cosmovisão, é para os outros, os estranhos, não iniciados em nossa forma de pensar. Sire resume bem isso: “Uma cosmovisão é composta de um conjunto de pressuposições básicas, mais ou menos consistentes umas com as outras, mais ou menos verdadeiras. Em geral, não costumam ser questionadas por nós mesmos, raramente ou nunca são mencionadas por nossos amigos, e são apenas lembradas quando somos desafiados por um estrangeiro de outro

¹⁰ Ronald H. Nash, *Questões Últimas da Vida: uma introdução à Filosofia*, p. 14.

¹¹ “A cosmovisão cristã tem coisas importantes a dizer sobre a totalidade da vida humana” (Ronald H. Nash, *Questões Últimas da Vida*, p. 19).

¹² “Seria atenuar os fatos dizer que a cosmovisão ou visão de mundo é um tópico importante. Diria que compreender como são formadas as cosmovisões e como guiam ou limitam o pensamento é o passo essencial para entender tudo o mais. Compreender isso é algo como tentar ver o cristalino do próprio olho. Em geral, não vemos nossa própria cosmovisão, mas vemos tudo olhando por ela. Em outras palavras, é a janela pela qual percebemos o mundo e determinamos, quase sempre subconscientemente, o que é real e importante, ou irreal e sem importância” (Phillip E. Johnson no Prefácio à obra de Nancy Pearcey, *A Verdade Absoluta: Libertando o Cristianismo de Seu Cativo Cultural*, Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2006, p. 11).

¹³ “Em essência, é um conjunto de pressuposições (hipóteses que podem ser verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou inteiramente falsas) que sustentamos (consciente ou inconscientemente, consistente ou inconsistentemente) sobre a formação básica do nosso mundo” (James W. Sire, *O Universo ao Lado*, São Paulo: Hagnos, 2004, p. 21).

universo ideológico".¹⁴

Deste modo, aplicando este princípio à história, podemos dizer que o historiador em seu labor operará sempre com os seus pressupostos; todavia, ele deverá esforçar-se para que eles não interfiram na evidência dos "fatos", a fim de não sacrificar a "verdade" por sua paixão, que as evidências, por sua clareza, revelam ser equivocada.¹⁵ Dentro desta linha de raciocínio, escreveu o filósofo Johannes Hirschberger:

"Uma absoluta ausência de preconceitos nunca houve nem jamais haverá, porque todo cultor das ciências do espírito é filho de seu tempo, sem poder ultrapassar sua própria capacidade; e, em particular, haverá sempre de julgar em dependência dos valores e cosmovisões mais recentes, do que talvez jamais tenha suficiente consciência.¹⁶ Disto não se conclui que devemos renunciar de todo à imparcialidade. Ao contrário, devemos antes nos propor o ideal da objetividade, é claro, inatingível como todo ideal, mas que devemos trazer pra diante dos olhos, sempre pronto a mantê-los no ensino ou na discussão e buscá-lo constantemente, numa tarefa ininterrupta".¹⁷

A nossa cosmovisão não deve servir apenas – aliás, um “apenas” injustificável em si mesmo –, para um exibicionismo pretensamente acadêmico, ufanismo ignorante ou mesmo como demarcação de terreno no qual nada se sucede, exceto a presunção compartilhada e demarcada por outras cosmovisões. A nossa cosmovisão consciente deve estar comprometida com a busca de coerência perceptiva e existencial. Há compromissos sérios entre o que cremos e como agimos. Um distanciamento

¹⁴ James W. Sire, *O Universo ao Lado*, São Paulo: Hagnos, 2004, p. 21-22.

¹⁵ O historiador batista Muirhead, coloca a questão nestes termos: "Imparcialmente deve proceder o historiador na investigação dos fatos. Achar a verdade e esculpi-la em relevo, eis o alvo" [H.H. Muirhead, *O Cristianismo Através dos Séculos*, Rio de Janeiro: (?) Typ. C.A.B., 1921 (?), Vol. I, p. 6].

¹⁶ O grande historiador alemão Johann Lorenz von Mosheim (c. 1693-1755), considerado o "pai da historiografia da igreja", no século XVIII, escreveu em sua monumental obra de 4 volumes, *Institutes of Ecclesiastical history, ancient and modern*, que:

"O tempo em que nós vivemos normalmente tem tanta influência sobre nós que medimos as eras passadas por ele, pensando que anteriormente o que deveria ser feito ou deveria ser impossível é o que hoje está feito ou é impossível. Em seguida as pessoas cujo testemunho deve-se usar, especialmente aquelas que têm sido conhecidas ao longo dos anos por sua santidade e virtude, freqüentemente nos levam ao erro por sua autoridade. Por último, o amor à opinião e doutrinas que gozam de nossa afeição freqüentemente constrange nossas mentes, e mesmo inconscientemente podemos ter visões errôneas dos fatos. Essa servidão tripla deve, portanto, com toda as nossas forças, ser arrancada de nossas mentes" [Johann Lorenz von Mosheim, *Institutes of Ecclesiastical history, ancient and modern*, Londres: Longman & Co., 1841, Vol. 1, p. 20-21 *Apud* Wilson Santana Silva, Memórias de uma Ausência: História da Igreja – Disciplina ausente nos Manuais de História do Brasil. In: *Fides Reformata*, São Paulo: Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, 10/2 (2005): 89-114, p. 99].

¹⁷ Johannes Hirschberger, *História da Filosofia na Antigüidade*, 2ª ed. São Paulo: Herder, 1969, p. 20. (Vd. K. S. Latourette, *Historia del Cristianismo*, 4ª ed. Buenos Aires: Casa Bautista de Publicaciones, 1978, Vol. I, p. 19-20).

consciente e docemente acalentado e justificado entre o crer e o fazer, produz uma esquizofrenia intelectual, emocional e espiritual, cuja solução definitiva envolverá um destes caminhos: ou mudar a nossa crença ou abandonar a nossa *práxis*. Para o cristão, cosmovisão é compromisso de fé e prática.

Nash parece-nos oportuno aqui:

“Cosmovisões deveriam não apenas ser testadas em uma aula de filosofia, mas também no laboratório da vida. Uma coisa é uma cosmovisão passar no teste teórico (razão e experiência); outra é passar no teste prático. As pessoas que professam uma cosmovisão podem viver consistentemente em harmonia com o sistema que professam? Ou descobriremos que elas foram forçadas a viver segundo crenças emprestadas de sistemas concorrentes? Tal descoberta, eu acho, deveria, produzir mais do que embaraço”.¹⁸

Maringá, 24 de dezembro de 2009.
Rev. Hermisten Maia Pereira da Costa

¹⁸ Ronald H. Nash, *Questões Últimas da Vida: uma introdução à Filosofia*, São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 29.